

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1810)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

Thiago Romei de Lucena

**A INFANTARIA BRASILEIRA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL:
ORGANIZAÇÃO, ADESTRAMENTO E PRINCIPAIS OPERAÇÕES.**

Resende

2019

Thiago Romei de Lucena

**A INFANTARIA BRASILEIRA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL:
ORGANIZAÇÃO, ADESTRAMENTO E PRINCIPAIS OPERAÇÕES.**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Orientador: David Correia de Souza Filho

Resende, RJ

2019

Thiago Romei de Lucena

**A INFANTARIA BRASILEIRA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL:
ORGANIZAÇÃO, ADESTRAMENTO E PRINCIPAIS OPERAÇÕES.**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em _____ de _____ de 2019.

Banca examinadora:

David Correia de Souza Filho – 1º Ten
(Presidente/Orientador)

Leonardo De Assis Faria Da Silva - 1º Ten

Pedro Lorenzoni – 1º Ten

Resende
2019

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo apoio constante e pelo propósito da minha vida, que vem se cumprido a cada dia.

A minha esposa, que incessantemente me auxiliou e me acompanhou nesses últimos 4 anos de formação.

Aos meus pais, Roberta Revoredo Romei de Lucena e Everardo de Lucena Tavares, que sempre me apoiaram e caminharam ao meu lado, para que eu não trilhasse sozinho o caminho do dever.

Aos meus irmãos, que me incentivam e me alegram nos momentos mais difíceis.

Por fim, ao 1º Ten Inf David Correia de Souza Filho, pelo suporte e auxílio durante toda a confecção do trabalho.

Aos nossos heróis da Força Expedicionária Brasileira, advindos dos mais diversos rincões do Brasil, deram suas vidas em solo europeu para o triunfo do bem. A estes militares, todo o nosso reconhecimento.

RESUMO

A INFANTARIA BRASILEIRA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: ORGANIZAÇÃO, ADESTRAMENTO E PRINCIPAIS OPERAÇÕES.

AUTOR: Thiago Romei de Lucena

ORIENTADOR: David de Correia Souza Filho

O presente projeto trata das atividades exercidas pela Infantaria na Segunda Guerra Mundial, mais especificamente da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária cuja tropa foi empregada efetivamente nas operações ofensivas ao longo da guerra.

O trabalho tem por finalidade explanar, de uma maneira geral, as atividades exercidas pela Força Expedicionária Brasileira no que tange a sua organização, preparação e adestramento para a Guerra. Para isso foram consultados diversos trabalhos e livros de historiadores, professores, militares dentre outros indivíduos apreciadores do tema. Nas diversas leituras sobre o tema busca-se entender as reais condições do Exército Brasileiro quanto aos seus recursos humanos, logísticos e bélicos. O governo brasileiro em meio a atribulados impasses diplomáticos vivia uma política bilateral com a Alemanha e EUA, no decorrer da narrativa o governo brasileiro toma uma posição em favor dos Aliados na II Guerra Mundial, onde começa sua jornada para defender seu território, ao mesmo tempo que, se adequava a doutrina militar americana para constituir uma Força Expedicionária com o objetivo de combater em prol dos aliados no cenário de operações Italiano. Ao longo desse projeto, o leitor entenderá como o Exército Brasileiro, com tão poucos recursos humanos e materiais, tais quais foram doados pelo Exército Americano, e com uma doutrina praticamente contrária à dos americanos conseguiu mobilizar tropas brasileiras e enviar para o continente Europeu. É notório ao decorrer da narrativa que as tropas brasileiras não estavam na Europa apenas por questões políticas, estavam lá para combater os inimigos nazifascistas, participando efetivamente das principais operações dos Aliados e se destacando na conquista de importantes pontos decisivos como os de Monte Castello e Montese.

Palavras-chave: Operações. Força Expedicionária Brasileira. Combate. Exército. Recursos.

Os feitos da Força Expedicionária Brasileira, sob o vosso comando, durante a Campanha do IV Corpo na Itália, terão um lugar proeminente quando for escrita a história da Segunda Guerra Mundial".

Do General Willis D. Crittenberger, Comandante do IV Corpo de Exército norte-americano, ao então General Mascarenhas de Moraes, Comandante da FEB.

ABSTRACT

THE BRAZILIAN INFANTRY IN THE SECOND WOLRD WAR: ORGANIZATION, ADHESION AND MAIN OPERATIONS

AUTHOR: Thiago Romei de Lucena
ADVISOR: David de Correia Souza Filho

The present project deals with the activities carried out by the Infantry in World War II, specifically the 1st Expeditionary Infantry Division whose troops were effectively employed in the offensive operations throughout the war.

The purpose of the work is to explain, in a general way, the activities carried out by the Brazilian Expeditionary Force in relation to its organization, preparation and training for the War. For this, various works and books of historians, teachers, military personnel and other individuals who appreciated the theme were consulted. In the various readings on the subject it is sought to understand the real conditions of the Brazilian Army as to its human, logistical and military resources. The Brazilian government amidst troubled diplomatic impasses lived a bilateral policy with Germany and the US, during the narrative the Brazilian government takes a stand in favor of the Allies in World War II, where it begins its journey to defend its territory at the same time that the American military doctrine was adequate to constitute an Expeditionary Force with the objective to fight for the allies in the scenario of Italian operations. Throughout this project, the reader will understand how the Brazilian Army, with so few human and material resources, such as were donated by the US Army, and with a doctrine practically contrary to the Americans, managed to mobilize Brazilian troops and send them to the European continent. It is notorious throughout the narrative that Brazilian troops were not only in Europe for political reasons, they were there to combat the Nazi-fascist enemies, effectively participating in the main operations of the Allies and highlighting the conquest of important decisive points such as Monte Castello and Montese.

Keywords: Operations. Brazilian Expeditionary Force. Resources. Combat. Army

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Torpedeado um Navio Brasileiro.....	20
Organograma 1 - Constituição da Infantaria Divisionária da 1ª DIE.....	26
Figura 2 - Roteiro da FEB na Campanha da Itália.....	28
Esquema 1 - Ataque a Monte Castelo.....	33
Figura 3 - Esboço do plano de Operações a 1ª DIE para a conquista de Montese e Montello	36

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FEB	Força Expedicionária Brasileira
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
ID	Infantaria Divisionária
DIE	Divisão de Infantaria Divisionária
RI	Regimento de Infantaria
Cia	Companhia
DI Mth	Divisão de Montanha
RI NA	Regimento de Infantaria Norte Americana
Fzo	Fuzileiro
Inf	Infantaria
Asp	Aspirante
Cap	Capitão
Ten	Tenente
Cel	Coronel
SO	Sudoeste
SE	Sudeste

LISTA DE SÍMBOLOS

@

Arrouba

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	14
2.1	REVISÃO DA LITERATURA E ANTECEDENTES DO PROBLEMA	14
2.2	REFERENCIAL METODOLÓGICO E PROCEDIMENTOS	16
3	CONTEXTO HISTÓRICO	18
3.1	ALIANÇA BRASIL-EUA (POLÍTICA EXTERNA)	18
3.2	A CRIAÇÃO DA FEB	21
3.3	ADESTRAMENTO	23
3.4	A DIVISÃO DE INFANTARIA EXPEDICIONÁRIA	24
4	PRINCIPAIS OPERAÇÕES DA FEB	29
4.1	O BRASIL NO TEATRO DE OPERAÇÕES	29
4.2	A CONQUISTA DE MONTE CASTELO	30
4.3	A CONQUISTA DE MONTESE	34
	CONCLUSÃO	38
	REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

Para iniciar os estudos sobre Força Expedicionária Brasileira na II Guerra mundial, é necessário o entendimento das ações tomadas para que o Brasil entrasse no conflito onde enviou milhares de homens para combater um inimigo hostil e desconhecido.

A criação deste trabalho tem por objetivo realizar um minucioso estudo sobre a arma de infantaria na FEB em todos os processos da Guerra. Para isso, foi abordado de uma maneira geral assuntos relevantes ao trabalho para que o leitor se oriente e compreenda a conjuntura da época, até mesmo para desconstruir pensamentos equivocados sobre a participação do Brasil e por quais razões ele entrou na Segunda guerra Mundial.

O intuito do trabalho é destacar as ações realizadas pelo alto escalão e comandantes de fração, visto que há obras escritas por eles mesmo, onde relatam os acontecimentos em sua forma mais concreta e com exatidão, dando o devido valor aos seus feitos militares e bem servindo a fidelidade histórica dos acontecimentos.

Vale ressaltar que, o tema é de imprescindível conhecimento para todos, inclusive para os militares, não só pelo conteúdo do tema, mas também para o aperfeiçoamento técnico profissional do militar, onde pode-se retirar uma gama de conhecimentos e aprendizados sobre situações reais e de como os problemas impostos pela guerra foram superados.

O objetivo geral desse estudo é identificar e explanar como foi feita a mobilização das forças brasileiras para serem enviadas para o território europeu, destacando as dificuldades logísticas tanto de material como as de recrutamento de pessoal em detrimento do pouco tempo disponível, como objetivos específicos cito: a preparação, organização e adestramento do contingente da Infantaria na FEB; contextualizar a situação do período pós guerra no território Brasileiro; abordar as principais operações brasileiras em território Italiano, destacando as conquistas e os responsáveis por tais feitos.

Esse projeto abordará a atuação da Força Expedicionária Brasileira em um contexto histórico de guerra onde foi empregada em solo europeu, particularmente sobre a Infantaria Divisionária (ID) da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (DIE) que em meio a tantas dificuldades impostas pelo clima e terreno estrangeiro, superaram as dificuldades e demonstraram o alto valor da infantaria do Exército Brasileiro.

As principais fontes de pesquisa foram obras escritas por membros do alto escalão da FEB, como Moraes (2005), MOTTA (2001, p.51), COSTA (2009)... Também orientaram o presente trabalho as obras de historiadores militares brasileiros que abordaram sobre temas

parecidos como FARIA (2015), bem como documentos dos autores DIEGO ARMANDO DA SILVA DE CASTRO, DOUGLAS DE ALMEIDA SILVA, artigos da internet e bibliografias que se mostraram de bastante relevância.

O presente trabalho tem a seguinte estrutura:

Na primeira fase, procurou-se entender o contexto do cenário político brasileiro na época e os fatores que levaram ao Brasil a declarar guerra contra o Eixo, e paralelamente a isso, a se alinhar com os Estados Unidos, levando ao país a se desdobrar para mobilizar e enviar um efetivo considerável de homens para combater na Segunda Guerra Mundial, que ocorria no cenário de Operações do Mediterrâneo. A organização e o adestramento das tropas brasileiras foram desafios que também serão abordados nesse capítulo pois deviam ser cumpridos em um curto período visto que a guerra já estava a todo vapor e os ALIADOS cobravam uma posição do governo brasileiro em relação as tropas a serem enviadas para o combate.

Já na segunda fase do trabalho relata-se como foram executadas as principais operações das tropas brasileiras na conquista das localidades italianas e das regiões montanhosas, onde o inimigo obtinha total vantagem sobre as tropas atacantes. As conquistas e os atos heroicos de militares brasileiros não podem e nem devem ser esquecidos pela nação, pois deram sua vida para que o bem triunfasse sobre o mal.

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

A pesquisa foi realizada em livros bibliográficos e documentos, muitas vezes, escritos por autores que estiveram presentes em combate ou próximo. O tema do presente trabalho está localizado na área de História Militar.

2.1 REVISÃO DA LITERATURA E ANTECEDENTES DO PROBLEMA

Com o intuito de entender e esclarecer os problemas que envolveram o Brasil na Segunda Guerra Mundial, diversos estudos e trabalhos produzidos durante anos, por diversos autores e personagens da história, foram pesquisados e correlacionados para apresentar uma perspectiva ampla e de veracidade indiscutível. Dentre esses autores destacam-se Albino (2005), Barone (2013), Brandi (1983), até mesmo pelas próprias mãos do comandante da Força Expedicionária Brasileira, com os livros Moraes (1960) e futuramente A FEB PELO SEU COMANDANTE por Moraes (2005) cuja obra foi baseada em documentos oficiais do Arquivo da Força Expedicionária Brasileira e pelo relatório secreto do comandante da FEB, Marechal Mascarenhas de Moraes, que traz a visão de um oficial general relacionado as dificuldades de mobilização, organização, adestramento das tropas brasileiras que, apesar de muita dificuldade, não foram fatores impeditivos para o Exército Brasileiro.

Para se entender como foi o processo de envolvimento da tropa brasileira na Segunda Guerra Mundial é necessário verificar como foram desenvolvidas as relações diplomáticas entre Brasileiras com a Alemanha e Estados Unidos.

Devido ao crescimento das atividades comerciais entre Brasil e Alemanha, esses dois países criaram laços amigáveis, desde ajustes comerciais visando a integração de produtos até representações diplomáticas e acordos de combate ao comunismo. Enquanto as relações Brasil-EUA não passavam por bons momentos. O então ministro Oswaldo Aranha, defendia as relações com os Estados Unidos e repulsava quaisquer aproximações com o país Alemão, quando dizia “O alemão não trará saldos, não trará paz e só trará ameaças, cada dia mais claras e mais sérias”.

A política de Vargas se traduziu, na prática, por uma dupla aproximação com os Estados Unidos e a Alemanha, caracterizada por Gérson Moura como uma política de “equidistância pragmática. (MOURA, 2013)

Getúlio Vargas, também durante todo o período que antecedeu a entrada do Brasil na Guerra, apresentou uma posição dúbia ante as propostas alemãs de cooperação, em troca da neutralidade

diplomática, e de defesa do continente e de união das Américas, feitas pelos norte-americanos. (COSTA, 2009, p.23)

Ao romper relações com o Eixo, o Brasil se torna um possível inimigo de guerra, sendo assim, suscetível a ataques sem aviso prévio. Não demorou muito para que as tropas do Eixo iniciassem os ataques a navios mercantis brasileiros e criasse um clima de tensão no povo brasileiro que, após incontáveis ataques inimigos, se mostraram insatisfeitos com esses atos e protestaram para que medidas fossem tomadas.

Seguiram-se, então, medidas para preparação do País em vistas das consequências que uma declaração de guerra pode trazer. Nisso, o presidente Getúlio Vargas, por meio do decreto nº 10451, de 16 de setembro de 1942, ordena a mobilização nacional, de meios e de pessoal. O Brasil entrava no “esforço de guerra”, entrava na Segunda Guerra Mundial. (COSTA, 2009, p.25)

Contudo, não obstante as providências tomadas, já em agosto de 1942, o número de navios mercantes nacionais torpedeados e afundados pelos submarinos nazifascistas beirava a uma dezena. (MORAES, 2005, p.24)

O Brasil, oficialmente em guerra contra as forças do Eixo, percebeu a necessidade de mobilizar uma Força Expedicionária Brasileira, para mostrar que de fato entrou na guerra. Porém, a dificuldade de mobilizar uma Divisão com aproximadamente 25.000 homens era no mínimo, difícil. Pois a doutrina empregada no Exército Brasileiro era, até então, a Francesa. Devido a isso, além de inúmeras outras dificuldades, teria que adaptar a doutrina francesa para a americana, ou se adaptar a doutrina americana para a criação dessa força.

Numerosos e difíceis foram os obstáculos à tarefa de se organizar uma força expedicionária de acordo com os moldes norte-americanos. Sua organização, seus regulamentos e seus processos de combate eram baseados na chamada "escola francesa". De repente, quase da noite para o dia, dentro da antiga moldagem e no quadro da doutrina gaulesa, surgia a tarefa de constituir uma divisão de Infantaria, com a organização norte americana. E, além disso, instruí-la e adestrá-la segundo os métodos, processos e meios norte-americanos. (MORAES, 2005, p. 28)

Diante da necessidade de criar uma tropa que pudesse combater em solo Europeu, pode-se observar que inúmeras são as questões problemáticas para cumprir essa missão. Com

isso, diversos autoquestionamentos são feitos pelo leitor, tais como: Quais seriam as vantagens de mobilizar, organizar e enviar uma Força Expedicionária criada às pressas para combater na Segunda Guerra Mundial? Por quais razões o Brasil tomou essa decisão? Como as tropas Brasileiras ultrapassaram tais obstáculos a ponto de conquistar as principais elevações no cenário de guerra Italiano? Visto que as tropas enfrentaram problemas básicos de adestramento e material, a atuação brasileira superou todas as expectativas.

Pode-se observar perguntas parecidas no trabalho do Autor Costa (2009) quando faz os seguintes questionamentos: "Para que enviar uma Força Expedicionária para a Guerra? Em meio a tantas dificuldades em material humano e recursos? Preparar um grande efetivo de militares para defender o País em seus próprios limites territoriais foi de um esforço hercúleo, imaginemos para transportá-los para outro continente!?"

2.2 REFERENCIAL METODOLÓGICO E PROCEDIMENTOS

Em busca de entrar em acordo com a literatura vigente acerca do tema, foram feitos diversos questionamentos para entender melhor as dificuldades enfrentadas pelo alto comando da FEB em mobilizar, enviar e adestrar toda a Divisão de Infantaria para combater em uma guerra que já estava a todo vapor.

Procura-se entender quais as reais necessidades e intenções de tropas brasileiras para combater na Segunda Guerra Mundial... Até onde valeria para o Brasil seguir em frente com a ideia de criar uma divisão de Exército para combater em solo europeu com clima totalmente desfavorável? Visto que a doutrina vigente era a francesa, para se criar uma divisão de Exército aos moldes da doutrina norte-americana seria uma árdua missão.

O objetivo geral da pesquisa é entender como o Brasil enfrentou os obstáculos de criar a Infantaria Divisionária da FEB, bem como organizar e adestrar essa fração em tão pouco tempo de forma que pudesse cumprir as missões na frente de batalha, onde ficaram evidenciados o padrão de adestramento das tropas brasileiras, mesmo com pouco tempo de preparo, ao conquistar objetivos de grande valia para os Aliados. As tropas brasileiras demonstraram que, apesar de não serem robustas, são resistentes e determinados no cumprimento da missão. Como objetivos específicos temos os seguintes questionamentos Como as tropas brasileiras se preparam taticamente para os combates? Como a escassez de armamento e outros materiais de guerra dificultaram o adestramento das tropas e como foi feito para ministrar as instruções baseadas na doutrina americana para os pracinhas?

Com a finalidade de potencializar a pesquisa, adotamos os procedimentos metodológicos descritos abaixo.

Primeiramente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica visando rever a literatura que fornecesse base teórica para o prosseguimento na pesquisa. Desse levantamento, destacam-se livros como DIÁRIO DE UM COMBATENTE por (NALESSO, MIRANDA, et al., 2005) e biografias de autores como MORAES (2005) e BARONE (2013), tal como autobiografias e artigos disponíveis na internet que abordam sobre o assunto na visão de pracinhas, militares do alto escalão do Exército e filhos de ex-combatentes da FEB.

Pode-se verificar que há inúmeros estudos sobre a criação da FEB, abordando os fatores que levaram o Brasil a guerra, dados históricos e relevantes processos que trajaram o Brasil a criar uma Força Expedicionária. Não há dúvida sobre a veracidade desses fatos, pois é um tema aberto a todos e na internet acha-se milhares de fontes que compartilham da mesma opinião sobre o que de fato ocorreu. O que não se vê muito é o tema da Infantaria na FEB, pois é um tema específico feito em sua maioria das vezes por militares que, se destacam pelo seu amplo conhecimento sobre o tema, qualidade e veracidade dos fatos expostos, como pode-se verificar na obra A FEB PELO SEU COMANDANTE, escrita pelo próprio comandante da FEB, Marechal Mascarenhas de Moraes. Assim como o livro de Introdução a História Militar Brasileira (2015) e obra de historiadores como ALBINO (2015).

Durante a execução do trabalho inúmeros livros e trabalhos individuais relacionados ao tema foram estudados com o intuito de obter a informações precisas e mais próximas da verdade, para que o leitor veja a importância do tema para o Brasil e para o Exército Brasileiro, que desde o fim da Guerra enaltece as tropas da FEB e seus combatentes. A biblioteca da Academia Militar das Agulhas Negras e a biblioteca digital do Exército foram imprescindíveis para a obtenção de dados e livros relevantes ao tema.

3 CONTEXTO HISTÓRICO

3.1 ALIANÇA BRASIL-EUA (POLÍTICA EXTERNA)

Sobre as questões diplomáticas do Brasil, existia um impasse quanto as decisões de entrar na guerra e de qual lado entrar, as contendas eram entre aqueles que buscavam a coalizão do Brasil com os EUA, como o ministro das relações exteriores Oswaldo Aranha, e aqueles que tinham vertentes tradicionalistas, ou seja, pensavam na real possibilidade do alinhamento Brasil-Eixo pois eram convenientes ao sistema autoritário Alemão, como oficiais do mais alto escalão do Exército.

A inclinação "Pró eixo" de oficiais do Exército não era devido a admiração pelo regime nazifascista e sim por verem na Alemanha uma potência com maior desenvolvimento militar devido a quantidade de equipamentos, armamentos e nível de instrução de alto padrão.

As visitas políticas aos países em questão eram constantemente exploradas, durante o período que antecedeu a guerra, o General Goés Monteiro visitou tanto a Alemanha de Hitler como os EUA com o propósito de manter os laços diplomáticos. Mais tarde, com a visita de Oswaldo Aranha aos EUA, os esforços diplomáticos por ele feito, resultou em uma maior aproximação entre os países do continente americano.

Com a chamada "Política de equilíbrio pragmático" o Brasil se relacionava com a Alemanha e Estados Unidos ao mesmo tempo (no estilo D João VI e o bloqueio continental). Visto que as duas potências tinham interesse de relacionamento com o Brasil, Vargas se aproveitou dessa situação para explorar e buscar o melhor aproveitamento das oportunidades criada por essa concorrência, com prioridade na industrialização e no reaparelhamento das Forças Armadas.

A política bilateral do Brasil não estava agradando aos EUA, porém o interesse maior era dele em firmar uma política unilateral, como forma de atrair o governo brasileiro, os americanos buscaram um estreitamento econômico entre as duas potências, por meio de ofertas de equipamentos bélicos e através do desenvolvimento da atividade siderúrgica no Brasil, seguindo o acordo da "Lend Lease Bill" (Lei de Empréstimo e Arrendamento).

Segundo FARIA (2015, p. 232), “O regime de Vargas apoiava-se em uma constituição centralizadora e autoritária, que guardava muitos pontos em comum com as ditaduras fascistas da Europa”

O Governo Brasileiro, apesar de tendências totalitaristas, firmou declarações com os Estados Unidos devido a política da boa vizinhança, baseada no objetivo de fazer avançar o

bem-estar dos povos das Américas, e em busca de investimentos para seu desenvolvimento econômico. O Tratado Interamericano de Assistência Recíproca, firmado na Conferência de Havana, em julho de 1940, visava que “todo atentando de Estado não americano contra a integridade e inviolabilidade do território, contra a soberania ou independência política de um Estado americano será considerado como ato de agressão contra todos os estados que firmam esta declaração”.

Mais tarde, em 7 de dezembro de 1941, explodiu a incrível ignomínia de Pearl Habor. Em face desse nefando crime do Mikado, o Governo do Brasil, honrando os seus compromissos no plano internacional e em justa solidariedade com os Estados Unidos, anunciou, em data de 28 de janeiro de 1942, durante a terceira reunião dos Chanceleres, o rompimento de suas relações com a Alemanha, o Japão e a Itália. Os atos com que o Brasil efetivou essa ruptura de ligação com os governos de Hitler, Hiroito e Mussolini revelaram, de maneira irrefragável e desde as primeiras horas, a decisão de prevenir-se contra agressões Eixistas em iminência de serem desencadeadas neste hemisfério. (MORAES, 2005, p. 24)

Desde então, o Brasil focou em defender e guarnecer as zonas sensíveis do país, com patrulhamentos via terra e ar, as Forças Armadas entraram em um constante serviço de defesa do território brasileiro.

Na visão do autor Paulo Brandi, escritor do livro "Vargas da vida para a história", pode-se verificar que o motivo da ruptura foi nobre, porém, naturalmente, as consequências dessa decisão estavam prestes a recair sobre o povo brasileiro, tal como o General Dutra alertou.

“Na carta que enviou em 27 de janeiro a Vargas, Dutra advertiu que o rompimento de relações provocaria inevitavelmente a agressão submarina à navegação de cabotagem e pedia tempo para que o país se armasse com a cooperação dos Estados Unidos. Em 28 de janeiro, entretanto, coincidindo com o encerramento da III Conferência de Chanceleres, Vargas determinou o rompimento de relações diplomáticas e comerciais com a Alemanha, a Itália e o Japão.” (BRANDI, 1983)

Mesmo com as providências defensivas tomadas, diversas embarcações da marinha mercantil brasileira começaram a ser traiçoeiramente torpedeadas pelas forças do Eixo. Ao todo foram 33 navios afundados e mais de 1000 pessoas mortas durante os ataques.

“Tal como o general Dutra tinha previsto, navios mercantes brasileiros tornaram-se alvo imediato dos submarinos alemães. Nos dias 15 e 19 de fevereiro, os cargueiros Buarque e Olinda foram torpedeados ao largo da costa dos Estados Unidos, motivando protestos do governo brasileiro ao alemão, por intermédio de Portugal.” (BRANDI, 1983)

O total de 33 navios afundados pelas tropas alemãs e o descontentamento da população brasileira relacionados a esses atentados fizeram com que o governo Vargas formalizasse o estado de beligerância mediante discurso realizado no Palácio do Itamaraty, declarando guerra ao Eixo.

“Os ataques provocaram uma onda de indignação em todo o país e serviram como elemento de pressão do governo brasileiro para reduzir o prazo de entrega do material bélico norte-americano.” (BRANDI, 1983)

Figura 1 - Torpedeado um Navio Brasileiro



Fonte: Torpedeado... (1943)

Após o cumprimento do tratado citado anteriormente, o Brasil firma-se no conflito e o governo brasileiro inicia as constantes reuniões com os Estados Unidos acerca dos próximos

passos na guerra. O nordeste brasileiro era considerado, pelos americanos, uma região estrategicamente de valor pois eles visavam estabelecer bases militares nessa região que serviria de "Trampolim" para atuar no Norte da África, onde as tropas nazifascistas foram percebidas, como também para assegurar a defesa do Hemisfério Sul.

Segundo Moraes (2005) as bases militares localizadas em território nacional e consideradas imprescindíveis ao favorável desenvolvimento da guerra foram cedidas aos Estados Unidos, enquanto durasse a conflagração.

Com o estado brasileiro em guerra contra o Eixo, foram tomadas medidas para preparar o país para se antecipar as consequências que a declaração de guerra poderia trazer ao país. Sendo assim o presidente Getúlio Vargas, por meio do decreto nº 10451, de 16 de setembro de 1942, ordena a mobilização geral em todo o território nacional em virtude do Estado de Guerra, assinado pelo próprio presidente.

3.2 A CRIAÇÃO DA FEB

O rompimento das relações diplomáticas com o Eixo, o ataque nazista a navios Brasileiros e a íntima aproximação do Brasil com os Estados Unidos foram fatores que instigaram o alto escalão do Exército Brasileiro para que houvesse uma participação mais ativa e concreta na Segunda Guerra Mundial ao lado dos aliados. A missão de organizar, preparar e adestrar uma Força Expedicionária para combater as tropas nazistas veio através desse contexto. Para isso, o General Mascarenhas de Moraes recebeu essa nobre missão, ordenado diretamente pelo General Dutra, Ministro da Guerra na época.

E, parece-nos, a primeira referência oficial à intenção de enviar ao Velho Mundo uma força expedicionária foi feita pelo General Eurico Gasta Dutra, então Ministro da Guerra do Brasil, por ocasião da visita que fez aos Estados Unidos ... Tratava-se, sem dúvida, da criação de um instrumento militar nacional destinado a desgravar a ofensa e a cooperar com as Nações Unidas na missão de destruir o inimigo comum. Daí a Força Expedicionária Brasileira. (MORAES, 2005, p.25)

Apesar da notícia da criação de uma Força Expedicionária ter sido feita oficialmente pelo General Dutra, Getúlio Vargas, mesmo que informalmente, já externava a ideia de enviar uma tropa para combater fora do continente, visto que a participação do Brasil estava sendo

feita de uma forma indireta e tímida, apenas com guarnecimento do território para os americanos e o fornecimento de materiais estratégicos. Segundo o próprio Getúlio Vargas “o dever de zelar pela vida dos brasileiros obrigados a medir as responsabilidades de uma possível ação fora do continente. De qualquer modo, não deveremos cingir-nos à simples expedição de contingentes simbólicos”.

Vargas tinha em mente que a criação de uma tropa para combater em solo europeu só se concretizaria mediante o reaparelhamento bélico das Forças Armadas Brasileiras. Em suas reuniões com o presidente americano fazia questão de lembrá-lo como forma de acelerar esse processo. Apesar da lentidão por parte dos americanos, Vargas já se adiantava na criação da força com medidas ministeriais.

Segundo Barone (2013, p. 103) "a tarefa de organizar a FEB seria um enorme desafio, e o tempo disponível era curto”

Diante da citação acima e de outras fontes que abordam sobre o tema da Força Expedicionária Brasileira, pode-se confirmar o que foi citado acima, pelo escritor Barone, e observar que havia inúmeros problemas acerca da criação de uma Força Expedicionária para combater no cenário Europeu.

Em seu livro, Marechal Mascarenhas de Moraes elenca uma série de obstáculos que se opõem a criação a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária. Questões como, segundo Moraes (2005, p.28-29) “O fato de o Exército Brasileiro ser instruído por uma linha de doutrina militar da escola Francesa e que não estava de acordo com os moldes norte-americanos de doutrina, a seleção física do pessoal, pois o brasileiro apesar de resistente não era um homem robusto, a necessidade de seleção com o objetivo de escolher homens aptos para o combate em clima e ambiente totalmente adverso, a disseminação, pelas quatro regiões militares, das unidades componentes da 1ª DIE, a absoluta insuficiência do material de guerra norte-americano e a inexistência de um uniforme adequado para combater em solo europeu e por fim, a questão do Exército Brasileiro antes da Segunda Guerra Mundial ter adquirido a totalidade de seu aparelhamento bélico na Europa, o que significa que pouquíssimos militares sabiam fazer o uso do material que iria utilizar, provindos do Exército americano" Todos esses fatores citados acima, somados com o reduzido tempo de dois meses, elucidavam as dificuldades iniciais da FEB.

Realmente o tempo era escasso, e os desafios eram enormes, não só pela falta de materiais bélicos, mas também pelo contratempo em conseguir recrutar o efetivo suficiente

para tal missão. Porém, apesar das dificuldades, viu-se a intenção dos militares americanos, principalmente por parte dos oficiais, em ajudar as tropas brasileiras no cumprimento desse objetivo. Verifica-se isso em Moraes (2005, p.29) “Ficamos a dever a assistência valiosa presta a à FEB, desde janeiro de 1944, por um operoso grupo de oficiais do Exército dos Estados Unidos, particularmente com a prática de material e com o conhecimento da organização americana”

A ideia de mobilizar as Forças Armadas somente se tomou realidade quando as ameaças do conflito começaram a se aproximar do Brasil (o Brasil não foi à guerra ela veio ao Brasil). Tornou-se imperativo apelar para o parque industrial dos Estados Unidos, único país, naquele momento, capaz de atender às necessidades vigentes. Assim, por meio da Lei de Empréstimos e Arrendamentos, “Lend Lease”, conseguiu-se adquirir grande parte dos armamentos, materiais de guerra, equipamentos e munições necessárias. (Âncoras e Fuzis, 2017, p.53).

3.3 ADESTRAMENTO

Com a criação da FEB dando seus primeiros passos, agora já na prática, viu-se a necessidade de se adequar, tanto em efetivo quanto em qualidade de pessoal, aos moldes dos efetivos norte-americanos, e isso gerou mais um grande problema para a 1ª DIE enfrentar. A modificação exigia um nível de adestramento altamente qualificado, dado o tipo de equipamento empregado pelos americanos e a especialização necessária para usá-los. De acordo com Moraes (2005, p.30) "às modificações a introduzir no equipamento dos corpos de Infantaria, releva citar que o armamento era desconhecido entre nós, tais como o fuzil Garand, o morteiro de 60mm, a bazuca, a metralhadora leve ponto trinta, o canhão anticarro de 57mm e o obus 105mm. Além do armamento, as unidades de Infantaria não conheciam os aparelhos de radiofonia, telefonia e radiotelegrafia."

Moraes complementa, ao dizer que "diante de todo o exposto, não era possível, o reduzido espaço de tempo, montar o complexo arcabouço de uma divisão norte-americana".

Com a 1ª DIE já formada e concentrada na capital federal, Rio de Janeiro, o comandante da FEB teria uma melhor ação de comando com sua tropa subordinada para concentrar esforços no principal objetivo do momento, a preparação técnica e o adestramento do pessoal. Segundo SOARES (2014, p.59) "as autoridades estadunidenses estavam

convencidas da capacidade de atuação das tropas brasileiras, desde que fossem mobilizadas e treinadas para tal".

Com a tropa já organizada aos moldes norte-americano e resolvido o problema do efetivo, o foco se torna os métodos e processos de instrução para incorporar o conhecimento no soldado brasileiro, não esquecendo que a quantidade de material de guerra era escassa para o adestramento. Para isso, primeiramente foi feita a tradução de manuais norte-americanos e outros documentos que interessavam para as instruções. A ideia da tradução era válida, porém era um processo lento até a distribuição para as tropas. De acordo com Moraes (2005, p.34) "a solução mais viável foi de contar com auxílio de numerosos oficiais, os quais, por terem estagiado no Exército dos Estados Unidos, facilitaram bastante a tarefa inicial de adestramento dos expedicionários".

O adestramento das tropas foi dividido em dois ciclos: um treinamento inicial focado na instrução individual e um "desenvolvimento geral da instrução" objetivando o emprego de unidades constituídas. Em relação ao primeiro ciclo o comandante da 1ª DIE deu maior importância a tiro das armas, instrução físicas, exercícios em pistas de treinamento especializado proporcionado um melhor rigor físico para os homens e marchas de treinamento, sendo de 32 km a pé. (MORAES, 2005, p.34)

Encerrado o primeiro ciclo, com o treinamento individual básico com um nível não tão elevado devido à escassez de armamentos e outros materiais, a preparação dos combatentes entra no segundo ciclo, do desenvolvimento geral da instrução, onde só terminaria no teatro de operações, o que seria vantajoso devido a realidade dos treinamentos.

Com a missão cumprida em solo brasileiro, o comando da 1ª DIE inicia os preparativos para embarcar e partir para a Europa. Sendo assim, foram realizados os últimos treinamentos, manobras, desfiles na capital federal e demonstrações públicas. O embarque foi planejado sigilosamente e previsto para o final do mês de julho de 1944. (Costa, 1985).

3.4 A DIVISÃO DE INFANTARIA EXPEDICIONÁRIA

De acordo com SOARES (2014, p. 59 apud COSTA, 1985) somente no dia 9 de agosto, uma portaria ministerial estabeleceu a estrutura da primeira Divisão de Infantaria Expedicionária, ou a primeira DIE, e o comando geral dessa primeira divisão de infantaria ficou a cargo do general João Batista Mascarenhas de Moraes.

A Portaria Ministerial nº 47-44, de 9 de agosto de 1943 estabeleceu as primeiras normas gerais de estruturação da 1ª DIE fixando-lhe a organização a seguir: Infantaria: Comando e Estado-Maior da Infantaria Divisionária, 1 regimento de Infantaria (Regimento Sampaio), da Vila Militar, Rio de Janeiro, 6 Regimento de Infantaria, de Caçapava, Estado de São Paulo; 11 Regimento de Infantaria (Posteriormente Tiradentes), de São João d'EL Rei, Estado de Minas Gerais. (MORAES, 2005, p.26)

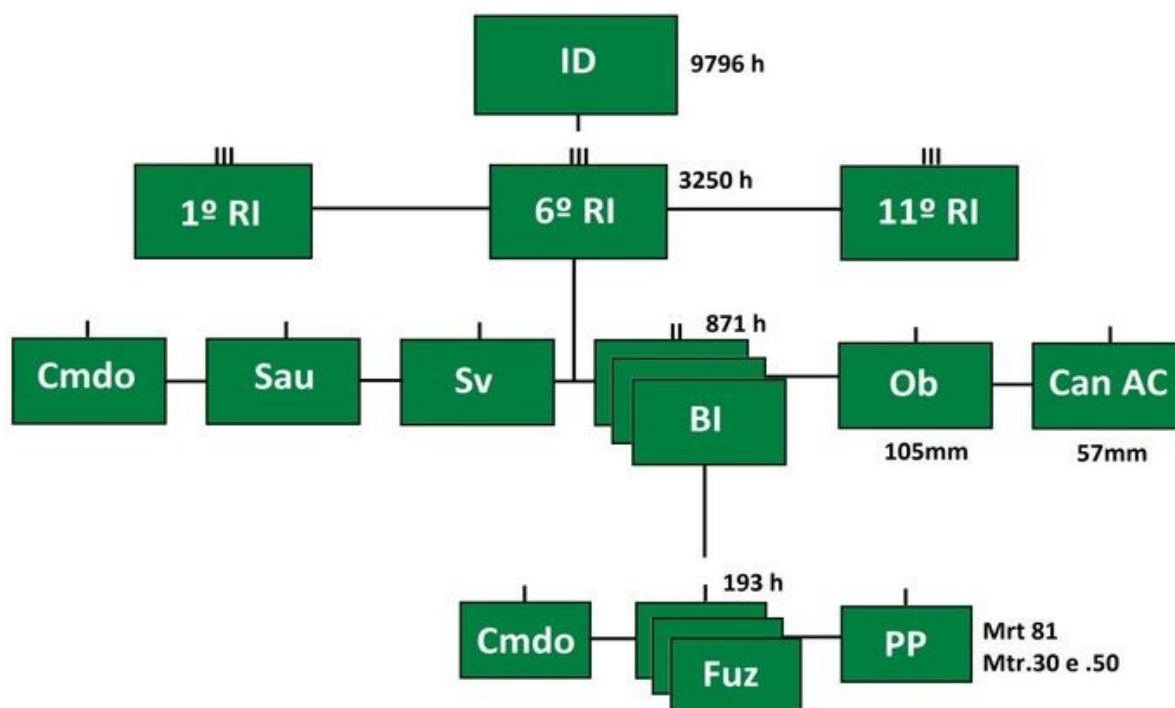
Segundo FARIA (2015, pg. 241), “A 1ª DIE foi organizada conforme modelo norte-americano, em tropa especial (Tr Esp), infantaria divisionária (ID), artilharia divisionária (AD), batalhão de engenharia (BE) e batalhão de saúde (BS).”

A Infantaria Divisionária (ID) da 1ª DIE ficou ao comando do general Euclides Zenóbio da Costa, composta de um efetivo de 9,796 homens e de três regimentos de infantaria (RI) a 3.250 homens cada, e estes compostos de uma companhia de comando, uma Companhia de Saúde, uma companhia de serviço, uma companhia de Obuses (6 obuses 105mm), uma Companhia de Canhão Anticarro (9 Canhões AC 57mm) e 3 Batalhões de Infantaria (871 homens cada) compostos de uma Companhia de Comando, uma Companhia de Petrechos Pesados (Mtr .30, Mtr .50 e Mrt 81mm) e três companhia de fuzileiros (193 homens cada).

Defesa... (2015, p. 23)

Os Três regimentos de infantaria (RI) eram: 1º RI do Rio de Janeiro (Regimento Sampaio); 6º RI de Caçapava (Regimento Ipiranga); e 11º RI de São João Del Rei (Regimento Tiradentes) Defesa... (2015, p. 23).

Organograma 1 - Constituição da Infantaria Divisionária da 1ª DIE.



Fonte: DE FARIA, Durland Puppim (Org.). Introdução à História Militar Brasileira. Resende: Academia Militar das Agulhas Negras, 2015, 252

Segundo Moraes (2005, p. 39) para embarcar a Força Expedicionária, foi feita a seguinte divisão:

- 1º escalão de embarque, composto pelo 6º Regimento de Infantaria (RI); Escalão avançado do Quartel-General da 1ª DIE; 1ª Cia do 9º Batalhão de Engenharia (BE); 1 Pelotão do Esquadrão de Reconhecimento entre outras tropas, sob o comando do General Zenóbio da Costa, com efetivo de 5075 homens, incluindo 304 oficiais.
- 2º escalão de embarque, composto pelo 1º Regimento de Infantaria; Artilharia Divisionária; 9º Batalhão de Engenharia; grosso do 1º Pelotão de Reconhecimento; 1 Batalhão de Saúde; grosso do quartel General da 1ª DIE entre outras tropas; comandadas pelo General Oswaldo Cordeiro de Faria e com o efetivo de 5075 homens e 368 oficiais.
- 3º escalão de embarque, composto pelo 2º Regimento de Infantaria; Regimento de Obuses, Regimento de Artilharia Pesada, Quartel general da 1ª DIE, Companhia de Serviço entre outras tropas, com o efetivo de 5239 homens e 318 oficiais comandados pelo General Olympio Falconière da Cunha.

- 4º escalão de embarque, conduzindo o primeiro escalão de Depósito de Pessoal da FEB, onde estava concentrado os sacos de todos as praças e de todos os oficiais da FEB.

Antes da partida para a Europa, o presidente Getúlio Vargas se apresentou nos navios para fazer sua última homenagem aos pracinhas que estavam prestes a partir para a Guerra, nessa ocasião o chefe do governo proferiu as seguintes palavras "Soldados do Brasil! O presidente da República aqui veio, acompanhado do Ministro da Guerra, para trazer-vos os votos de feliz viagem. E, não podendo fazê-lo pessoalmente a cada um, o faz por meio deste microfone. É sempre uma glória lutar-se pela Pátria e por um ideal. O governo e o povo do Brasil vos acompanham em espírito na vossa jornada e vos aguardam cobertos de glórias."

Com as despedidas formalmente feitas e a certeza de que escolheriam o lado certo da guerra, as tropas começam o transporte para a guerra no dia 2 de julho. O transporte até a Itália foi de grande preocupação para todos, principalmente por causa dos submarinos que rodeavam a região. Para isso, durante o transporte houve um eficiente sistema de escolta, sendo empregado aeronaves norte americanas e destroieres brasileiros. Vale lembrar que, apesar de todo o sistema de escolta e segurança, os ensaios para abandono de navio em caso de ataque inimigo não foram negligenciados, sendo executado os ensaios a todo tempo durante a longa viagem.

Durante a viagem para a Europa, a FEB seguiu o seguinte roteiro como mostra na figura abaixo.

Figura 2 - Roteiro da FEB na Campanha da Itália.



Fonte: Arquivo Nacional

4 PRINCIPAIS OPERAÇÕES DA FEB

4.1 O BRASIL NO TEATRO DE OPERAÇÕES

Com a chegada da 1ª DIE em solo Europeu foi bastante conturbante, primeiramente por terem passado a noite em uma região onde não era preparada para receber tropas pois não havia cozinhas para comer ração quente e nem barracas para passarem a noite, com isso tiveram que bivacar na posição, enfrentando temperaturas rigorosamente frias.

Devidamente desembarcado em solo Italiano, O 1 Escalão da FEB inicia o 2º ciclo de adestramento, com o objetivo de realizá-lo já constituído nas unidades. Assim como no 1 ciclo de adestramento, as tropas brasileiras enfrentaram os mesmos desafios, a escassez de armamentos e materiais para instrução.

Segundo Moraes (2005, p.47-48) Em todo o caso, práticas desportivas, marchas de treinamento e sessões de ordem unida e de instrução geral foram realizadas nesse período de permanência em Bagnoli, com o objetivo de conservar a forma física dos homens e manter a disciplina e coesão da tropa. Além do mais, a educação sanitária estava precária, inclusive vários oficiais com os dentes em precária situação.

Na data de 5 de agosto de 1944 as tropas brasileiras são incorporadas ao V Exército dos Estados Unidos, unidade que já estava no combate há bastante tempo e possuía experiência de batalha. Finalmente, com a incorporação das tropas, ocorreu a distribuição, mesmo que parcialmente, de material de guerra e armamento para diversas unidades e órgãos do escalão da FEB.

Após a incorporação e o recebimento de recursos, as tropas brasileiras permaneceram cerca de um mês na região de Vada para intensificar o adestramento e se preparar para o combate iminente. Foram feitas inúmeras visitas de chefes de unidades com o objetivo de verificar o ritmo de treinamento do combatente e se estavam aptos a combaterem contra as tropas nazifascistas.

Ao final do adestramento foi feito um "exercício-teste", onde inúmeros oficiais americanos, dentre eles destaca-se o comandante do V Exército Americano, estiveram na função de árbitro, para avaliar o grau de adestramento da tropa e dar o sinal verde para a execução do combate aproximado na linha de frente de batalha. Os resultados foram excelentes e o nível de adestramento dos pracinhas abrilhantaram os olhos daqueles oficiais que estavam empolgados para empregar as tropas brasileiras na linha de frente.

Após a conquista de Roma pelas tropas do Eixo e a grave redução de efetivo V Exército Americano, o General Mark Clark, seu comandante, buscou verificar a possibilidade de um emprego imediato das tropas brasileiras em uma de suas frentes de batalha, os pracinhas estavam com o treinamento incompleto, porém pelos excelentes resultados apresentado nos treinamentos em Vada, ficou decidido que o contingente brasileiro seria empregado nos campos de batalha. (MORAES, 2005)

4.2 A CONQUISTA DE MONTE CASTELO

Em razão do bom desempenho no vale do Serchio, a tropas brasileira foi deslocada, entre 4 e 9 de novembro, para a um setor mais ativo da linha de frente: o vale do Reno. Nesse local, contingentes do 2º e 3º escalão de embarque, que haviam chegado à Itália em outubro, se juntaram às tropas que já combatiam, se estruturando assim, efetivamente, a 1ª DIE. (SAVIAN, 2015, p. 9)

A FEB entrou em linha em 13-15 de setembro de 1944, ocupando posições no Vale do Serchio, substituindo duas unidades norte-americanas, o 370º Regimento de Infantaria e 433º Batalhão de Artilharia Antiaérea. Esta primeira fase de operações da 1ª D.I.E., seu batismo de fogo, foi de aclimação aos campos de batalha do norte da Itália, com seu terreno acidentado e pontuado por colinas e vales. A conquista de Monte Prano, em 26 de setembro, deu aos brasileiros a experiência de conquista de uma posição fortificada no topo de uma elevação, que lhes serviria na tomada de Monte Castelo. (Albino, 2015, p. 137)

Localizada no Vale Reno, a região de Monte Castello tinha grande importância para as tropas do Eixo, pois apresentava posição de comando, devido sua inclinação íngreme, apresentando inúmeras vantagens para as tropas do Eixo que ocupava posições defensivas, realizando ações de resistência e contra ataque, com seus soldados que eram conhecido pelo seu poder de fogo, experiência e ferocidade.

O combate começou ao amanhecer, e antes das 18 horas, se travaram os encontros corpo a corpo. E, durante a noite, há resistências isoladas, já cerradas. Neste momento, eu sei que apenas há uma casamata alemã, que ainda resiste, completamente cercada. [...] Estou no posto de comando do Regimento Sampaio, onde vou dormir. Passam os mortos e os feridos da gloriosa jornada. Os vivos vão continuar amanhã o combate em outros montes... (Tenente-Coronel

Humberto de Alencar Castelo Branco, oficial de Operações da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária - Trechos de carta datada de 21 de fevereiro de 1945, à sua esposa.)

A missão principal e a mais importante das tropas brasileiras era conquistar a elevação de Monte Castello, no alto dos Apeninos, região essa que era de vital importância para o avanço das tropas americanas rumo a linha gótica, sendo ela uma linha defensiva que cortava a Itália no sentido Leste-Oeste. As condições meteorológicas, clima, tempo, inclinação do Monte, terreno pedregoso e escorregadio foram obstáculos de grande relevância para as tropas brasileiras que tiveram muitas dificuldades em executar avanços e ataques surpresas, pois daquela região os soldados alemães conseguiam visualizar toda a ação das tropas aliadas.

Não bastasse as dificuldades citadas acima, os brasileiros carregavam cerca de 25 quilos em equipamentos ao mesmo tempo que, precisavam se abrigar para não serem alvejados pelas metralhadoras alemãs MG 42, apelidadas de "Lurdinhas" pelos brasileiros, pois a todo instante elas estavam atirando. Vale ressaltar que, em meio a todo esse caos, os brasileiros praticamente estavam escalando o Monte, devido sua inclinação, sendo que, os pracinhas não haviam recebido instrução para combate em terreno montanhoso, tendo que aplicar a conduta mais apropriada para o avanço e cumprimento da missão.

O ataque inicial seria realizado contra os flancos do dispositivo do inimigo, inclusive em monte Castello (nas vezes anteriores as investidas haviam sido frontais). Seria apoiado maciçamente pela artilharia, por carros de combate e pela aviação (inclusive pelo esquadrão da Força Aérea Brasileira que operava na Itália). Chegariam a ser empregados doze batalhões ao mesmo tempo: nove norte-americanos e três brasileiros (efetivo quatro vezes superior ao utilizado no primeiro ataque). (SAVIAN, 2015, p.12)

A ação principal da 1ª DIE na 1ª fase foi atribuída ao 1º RI, que partindo da região de Mazzancana deveria apossar-se de monte Castello e La Serra. A ação secundária seria realizada pelo 2º Batalhão do 11º RI, que teria a tarefa de cobrir o flanco direito do 1º RI. A direção geral de ataque era Gaggio Montano – monte Castello – La Serra. (SAVIAN, 2015, p.12)

A manobra militar realizada para a conquista de Monte Castelo é bem resumida por seu comandante: “uma ação ofensiva principal, atribuída ao Regimento Sampaio [1º RI], sobre Monte Castelo – La Serra”, paralela a uma “ação secundária, de progressão limitada, a cargo do Batalhão do Major Ramagem (II/11º RI) destinada a cobrir o flanco esquerdo (leste) do 1º RI” (MORAES, 2005, p. 131)

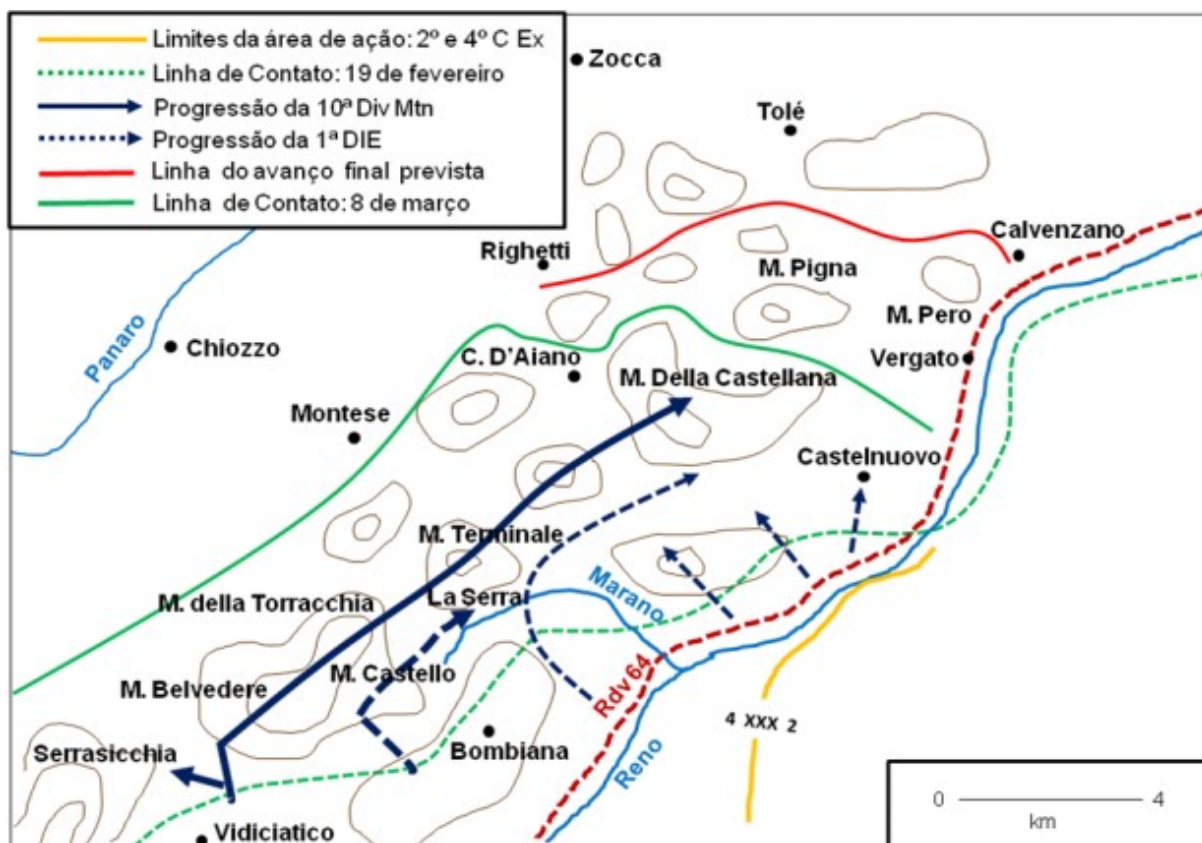
Nestas duas citações acima podemos verificar que há uma contradição, onde fica-se a dúvida de qual flanco o 11º RI defenderia para cobrir o 1º RI. Independente da dúvida, pode-se concluir que a missão foi cumprida com êxito.

Com a chegada do inverno e após sucessivas tentativas frustradas de conquistar a elevação, o ataque a Monte Castelo só foi efetivado quando o destacamento da FEB que estava atuando na região combinou uma operação conjunta com a 10ª Divisão de Montanha do Exército Americano, onde atacaram o inimigo no dia 21 de fevereiro de 1945 e após várias horas de combate finalmente a região de monte Castello foi conquistada.

A escolha da 10ª Div Mth para executar as missões principais justifica-se por ser essa tropa especializada em combate em montanha e ser integrada por soldados criteriosamente selecionados e intensamente treinados. Por outro lado, dar nova oportunidade para que a 1ª DIE conquistasse monte Castello, agora sob condições muito mais favoráveis, era imprescindível para que força brasileira adquirisse autoconfiança e assim bem contribuísse para as operações aliadas futuras, o que acabaria acontecendo. Há de se destacar que o papel da 1ª DIE longe esteve de ser insignificante, pois seu desempenho correspondeu ao esperado para uma divisão, apoiando de maneira irretocável a sua congênere norte-americana. (SAVIAN, 2015, p. 16)

A conquista da localidade de Monte Castelo fez parte da Operação Encore, executada pela 10ª Divisão de Montanha do Exército Americano juntamente com 1ª DIE onde ambas as tropas executaram sucessivos ataques coordenados as linhas de defesa alemãs, as tropas brasileiras participaram efetivamente dessa operação, realizando ataques secundários com a finalidade de conquistar a elevação de Monte Castelo para a divisão americana avançasse. Ao todo foram seis tentativas de ataque ao monte antes de sua conquista, sendo quatro delas fracassadas, sofrendo numerosas baixas.

Esquema 1 - Ataque a Monte Castelo



Fonte: BRANCO, 1960. Adaptado por Elonir José Savian (SAVIAN, 2015)

Comparando-se as missões recebidas e executadas pelas 10ª Div Mth e a 1ª DIE, verifica-se que a participação da divisão brasileira se revestiu de coadjuvação, pois recebeu e bem e cumpriu ações secundárias, ou seja, aquelas destinadas a complementar as ações da divisão norte-americana.

Claramente se observa que as missões principais foram executadas pela 10ª Div Mth e as secundárias pela 1ª DIE. Destarte, os montanhistas norte-americanos apoderam-se das elevações mais relevantes, como Belvedere e Della Torracchia, enquanto os brasileiros conquistavam objetivos de menor importância, como monte Castello e Castelnuovo. Em suma, esperava-se que as tropas brasileiras protegessem o flanco direito e a retaguarda das norte-americanas, dando-lhes liberdade para manter a impulsão do ataque, o que foi muito bem realizado. (SAVIAN, 2015, p.16)

Destacaram-se elementos fortes do Batalhão Franklin (III/1º RI) para guarnecer Monte Della Casellina, como postos avançados da Divisão Brasileira, com o duplo objetivo de garantir a cobertura das posições recém-capturadas e assegurar a imediata tomada do

movimento ofensivo, apesar de a situação ainda não ser favorável aos nossos aliados em Della Torácica. (MORAES, 2005, p.136)

E, assim, Monte Castelo passou para as mãos brasileiras. Dezenas de cadáveres, muitos deles contendo até máquinas infernais de destruição, estavam ali a testemunhar o encarniçamento da luta prolongada e a provar a requintada criminalidade das forças que guarneceram o sinistro morro. (MORAES, 2005, p.136)

Com a captura de tal elevação, escrevera a FEB o capítulo mais emocionante de sua vida. Monte Castelo, resistindo durante três meses às investidas das armas aliadas, erigira-se a cidade da presumida invencibilidade germânica. Para os brasileiros, no entanto, representara um símbolo e um marco na vida de nossa tropa em terras ultramar. Constituiu o índice do valor de nossa gente. (MORAES, 2005, p.136)

Significou a sangrenta forja de nossa agressividade. Traduziu a odisseia anônima das atrevidas incursões de nossas patrulhas, avançando sob nevascas cortantes no gelo resvaladiço, a se esgueirarem através dos núcleos da defesa inimiga m busca do prisioneiro e da informação. (MORAES, 2005, p.136)

4.3 A CONQUISTA DE MONTESE

Após a conquista de Monte Castello e diversas outras elevações do território italiano deu-se início no dia 14 de abril de 1945, a Ofensiva Aliada final com as tropas da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária a frente do objetivo de conquistar a elevação de Montese. As tropas brasileiras realizariam o ataque principal empregando o 11º RI e o 2º/1º RI, dispendo de outras tropas aliadas como reforço, dentre elas tanques da 1ª Divisão Blindada Americana.

O ataque seria desfechado, na jornada de 14 de abril, pelo 11º RI e o 2º/1º RI, devendo ser conquistada a linha Riva Di Biscia - Montese - cota 888 - Montello (Figura 21). As forças do IV C EX iniciaram a fulminante Ofensiva da Primavera nessa jornada. O terreno a frente das posições brasileiras era desprovido de vegetações e facilitava a observação e os fogos ajustados do inimigo. (FARIA, 2015, p.266)

A missão da 1ª DIE e da 10ª DI Mth era:

Atacar para romper o dispositivo inimigo a W da RV 64, na frente da 114ª DI Ligeira alemã, na R de MONTESE; com a 1ª DIE e o 371º RI, fixar e manter as atuais posições na frente da 232ª DI inimiga. Após a conquista de MONTESE prosseguir na direção da 10ª DI Mth.

O plano de ataque da 1ª DIE era:

o I/11º RI deveria lançar duas patrulhas para reconhecer as alturas de 747, a SO de MONTES PECHIO, e 759 de RANOCHIO; e o II/1º RI lançar três patrulhas para reconhecer a orla SE de MONTESE e as alturas 778 e 758.

Pretendia o comandante da 1ª DIE, apossar-se do maciço de MONTESE, particularmente do triangulo de alturas definido por MONTESE - cota 888 - Montello, a fim de capturar os observatórios que devassavam o interior das posições da 10ª Divisão de Montanha. (MORAES, 2005, p.164)

Para isso, o grosso da tropa do Coronel Delmiro (11º RI) e o batalhão Syzeno (II/1º RI) passariam ao ataque na jornada de 14 de abril, com o objetivo de capturar a linha Riva Di Biscia - Montese - cota 888 - Montello. Enquanto esse ataque se processasse, os batalhões Ramagem (II/11º RI) e Franklin (III/1º RI) defenderiam os seus quarteiros, especialmente nas regiões de Monteforte e Monte Nuvoleti. (MORAES, 2005, p.164)

O ataque brasileiro no dia 14 de abril compreendeu duas fases bem distintas: a primeira consistiu no lançamento de forte patrulhas, constituídas de pelotões reforçados por turmas de mineiros, destinadas a capturar a linha Casone - Il Cerro - Possesione - cota 745; a segunda constou de uma ação de ruptura que se propunha a conquistar a região de Montese - cota 888 - Montello. (MORAES, 2005, p.165)

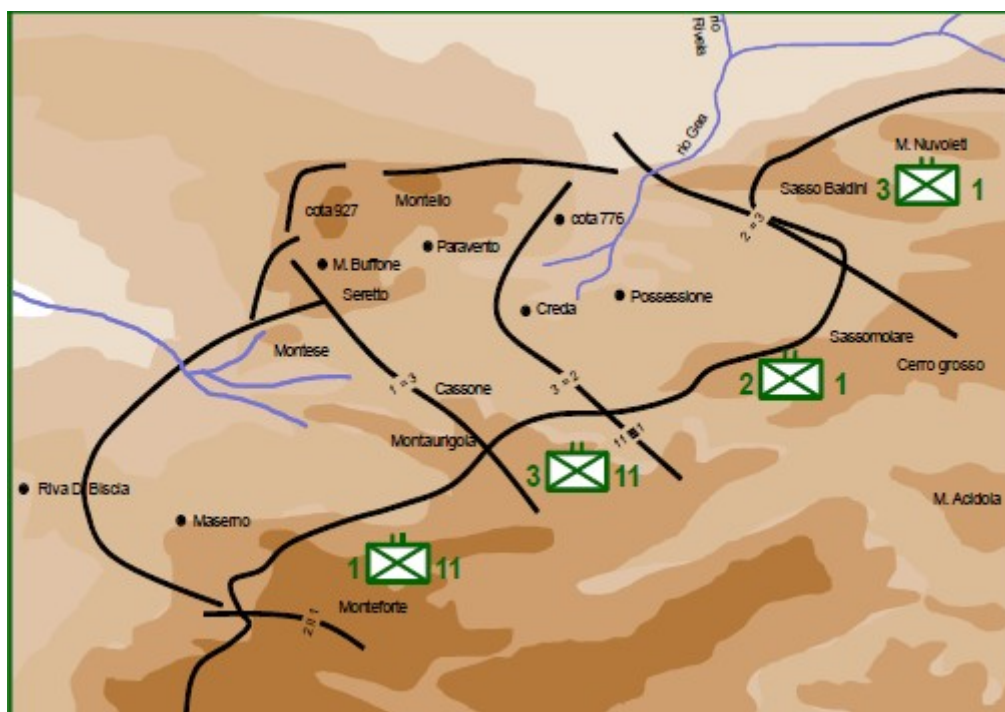
O ataque propriamente dito iniciou-se às 13h30, precedido de compacta preparação de nossa Artilharia. Contou com o apoio dos blindados e dos fumígenos de uma Companhia de Morteiros Químicos, todos norte-americanos. O 11º RI atacou com dois batalhões em primeiro escalão (III e I batalhões). (MORAES, 2005, p.166)

Limitada pelo 372º RI NA a oeste e a 10ª Div Mth a leste, a 1ª DIE, nos dias finais de março, tinha o seu dispositivo reajustado na frente compreendida pelos montes Della Torraccia e Grande D'aino. A direita ficou o 3º/1º RI, ao centro o 2º/1º RI e a esquerda o 11º RI. Na frente da 1ª DIE, o inimigo contava com dois RI da 114ª DI 266 alemã. Estava o 471º RI Alemão ocupando Montese - cota 888 -Montello. Além desse elemento, outros da 334ª DI inimiga foram identificados a nordeste de Sassomolare. Pretendia a 1ª DIE apossar-se do maciço Montese - 888 - Montello e, assim, eliminar a observação inimiga no interior das posições da 10ª Div Mth. (FARIA, 2015, p.266)

O 11º RI atacou com dois batalhões em primeiro escalão. O 1º Btl sobre Montese e o 3º Btl sobre Montello - cota 927. O ataque foi difícil, porém, por volta das 15h, o 1ºBtl penetrou em Montese e o 3º Btl conquistou Cerreto. (FARIA, 2015, p.266)

Redobram de ímpeto, em consequência, as arremetidas do Batalhão Cândido (III/11º RI). Valendo-se dos preciosos apoios de nossos canhões e morteiros e do lusco-fusco prenunciador da noite iminente, esse batalhão às 18h, (1km a nordeste de Montese). A infantaria atacante, finalmente, enfrentou e superou obstinada resistência inimiga, concretizada por um sistema de fogos bem organizado e ajustado ao terreno, conseguindo, depois de grandes esforços e fortes baixas, atingir, em fim de jornada, a linha geral Maserno - cota 806 e 808 - Montese - Serretto - Possessione e a região imediatamente a leste de Cádi Bortolino, fazendo um total de 107 prisioneiros, inclusive 4 oficiais. (MORAES, 2005, p.168)

Figura 3 - Esboço do plano de Operações a 1ª DIE para a conquista de Montese e Montello



Fonte: DE FARIA, Durland Puppim (Org.). Introdução à História Militar Brasileira. Resende: Academia Militar das Agulhas Negras, 2015, 267

Finalizara com extrema simplicidade o episódio mais sangrento, vivido por nossas forças em território italiano. (MORAES, 2005, p.174)

Destaca-se na conquista de Montese a atuação do 3º Pel Fzo/2ª Cia Fzo/3ºBI/

11º RI, comandado pelo Ten Iporan, que foi a primeira tropa brasileira a entrar na localidade, após ter transposto um campo minado e ter sofrido baixas pela ação da resistência e da artilharia alemã. (FARIA, 2015, p.266)

De acordo com o Cel Inf Rosty, militar e historiador, o I/11º RI acompanhou de perto a progressão do 3º BI, por intermédio da 2ª Cia, a quem cabia a conquista de Montese. Coberto nas cotas 806 e 808 pela 1ª Cia, impulsionou o Pel do Ten Iporan Nunes na direção de Montese e do Ten Malheiros, exceção de um grupo de combate, na da cota 759, existente a oeste de Montaurigola, onde se revelara uma resistência.

Rosty também escreve que, depois de muitos combates e preocupações acerca do destino do Pel Iporan, eis que ele próprio anuncia que se encontrava no interior de Montese e que se suspendessem os tiros de artilharia que estavam batendo a região.

Rosty não deixa de ressaltar a valentia de um aspirante recém egresso da Academia Militar das Agulhas Negras que tombou no teatro de operações da Itália quando em determinado momento da batalha de Montese o Asp Mega foi um dos primeiros a cair mortalmente ferido tendo, antes de agoniar, recomendado ao seu substituto que não se detivesse, num gesto de elevada compreensão dos seus deveres. O Ten Amorim, igualmente ferido, teve também uma atitude muito digna, preferindo continuar à testa da sua fração, a ser evacuado pela retaguarda.

Merece também ser realçada a espontânea e imensa alegria de que se apoderou a totalidade do Estado-Maior do IV Corpo de Exército quando recebeu a notícia da conquista da vila de Montese. (MORAES, 2005, p.174)

Rosty conclui a tomada de Montese com as seguintes palavras:

Assim terminara o episódio mais sangrento vivido por nossas tropas em território italiano, Quatro jornadas sob o bombardeio mais pesado de toda a Campanha. As armas brasileiras vergaram a resistência do inimigo e desmantelaram, de forma definitiva, o renitente obstáculo.

Do entusiasmo do comandante do IV Corpo de Exército, general Crittemberger, ecoam as palavras, proferidas perante oficiais do seu estado-maior, manhã do dia 15:

Na jornada de ontem, só os brasileiros merecerem s minhas irrestritas congratulações; com o brilho de seu feito e seu espírito ofensivo, a divisão brasileira está em condições de ensinar às outras como se conquista uma cidade.

CONCLUSÃO

A proposta de desenvolver este trabalho que aborda sobre a brilhante atuação do Brasil na II Guerra Mundial por meio da sua Força Expedicionária Brasileira teve como objetivo explicar de uma maneira generalizada sobre as principais condutas que ocorreram em meio a instabilidade política e militar que planava sobre o Novo Mundo. No decorrer do trabalho pode-se observar que o tema não fica preso apenas a parte do militarismo, mas também aborda a questões políticas e as consequências de seus conflitos. Com isso, podemos compreender como se comportaram os principais personagens que tiveram participação fundamental no decorrer de um conflito que assolou dezenas de países com a destruição em massa de seus povos. Militares do alto comando do Exército Brasileiro se mostraram divididos quanto ao relacionamento com os países que estavam em conflito, pode-se perceber que os militares tinham uma admiração pela Alemanha por causa dos padrões militares que o Exército Alemão apresentava ao mundo, com seus equipamentos de última geração e pela operacionalidade das tropas. Em contrapartida, ministros e políticos em geral, tinham uma visão de futuro melhor com o Brasil ao lado dos Estados Unidos, devido à proximidade territorial e possibilidade de ajuda mútua. Foi com essa indecisão diplomática que Vargas se destacou aplicando a equidistância pragmática, onde se manteve neutro no conflito pelo máximo de tempo possível, até tomar a decisão que foi melhor para a nação, o lado dos Aliados.

A aliança Brasil-Estados Unidos foi de extrema importância para a consolidação e o envio da FEB. Em um período em que o Brasil estava com equipamentos bélicos ultrapassados o Exército Americano, por meio do tratado de empréstimo e arrendamento, garantiu que apoiaria os brasileiros com armas e demais equipamentos para modernizar as tropas, além de treinamentos, instruções de manejo dos novos armamentos fornecidos e a renovação da doutrina militar da força terrestre brasileira. Assim as tropas brasileiras iniciaram a mobilização para o envio de efetivo para o teatro de operações na Itália.

Dado o exposto no trabalho, fica clara a importância da atuação da Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial, mais especificamente das tropas da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária que tiveram participação crucial nos combates da campanha da Itália. Ao contrário do que muitos pensam, a FEB não chegou na Itália quando a guerra estava prestes a acabar, chegou quando a Guerra estava no ápice das operações militares, podemos ver isso no Livro escrito pelo próprio comandante da FEB, onde ele

destaca inúmeras operações ofensivas e patrulhamentos na região dos Montes Italianos contra as forças alemãs que, fortemente armados com metralhadoras, ocupavam diversos pontos vantajosos espalhado pelo terreno montanhoso dos Montes Apeninos.

Ao final do projeto, conclui-se que o Brasil ter entrado no conflito ao lado dos Aliados o alavancou de maneira que suas tropas fossem reconhecidas âmbito nacional pela bravura e coragem demonstrada pela ida a guerra e internacionalmente pelas tropas aliadas que puderam perceber no soldado do Exército Brasileiro a força de vontade para vencer as batalhas, mesmo estando em condições adversas as suas de origem.

REFERÊNCIAS

ALBINO, Daniel. **Daniel. A Dialética de doutrinas francesa e norte-americana no Exército Brasileiro: O Caso da Força Expedicionária Brasileira.** Rio de Janeiro, 2015. Monografia (História) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.

BARONE, João. **O Brasil e sua guerra quase desconhecida.** Rio de Janeiro: Le livros, 2013.

BRANDI, Paulo. **Vargas: da vida para a história.** Zahar, 1983.

CASTRO, DIEGO ARMANDO DA SILVA DE. **A MOBILIZAÇÃO DO EXÉRCITO BRASILEIRO E O ENVIO DE TROPAS PARA OS FRONTS DA 2ª GUERRA MUNDIAL.** Rio Grande do Sul. Trabalho de Conclusão de Curso () - UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA.

COSTA, Marco Antonio Tavares da. **A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA: MEMÓRIAS DE UM CONFLITO.** Juiz de Fora, 2009. Monografia (História) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA.

DIRETRIZES do Estado Novo (1937 - 1945): O Brasil no teatro de operações. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/OBrasilNaGuerra/TeatroOperacoes>. Acesso em: 17 jun. 2019.

FARIA, Durland Puppim de (Org). **Introdução a História Militar.** Resende: Academia Militar das Agulhas Negras, 2015.

MORAES, J. B. Mascarenhas. **A FEB PELO SEU COMANDANTE.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005.

MOURA, Gerson. mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial. In: MURAL INTERNACIONAL, 1. 2013.

NALESSO, Victor; MIRANDA, Helio et al. **Diário de um Combatente: As recordações de um pracinha sobre a participação da FEB na Segunda Guerra Mundial.** São Paulo, 2005.

ROSTY, Cláudio Skora. Constituição da Força Expedicionária para a Campanha da Itália. **Âncoras e Fuzis**, Rio de Janeiro, 2017.

ROSTY, Cláudio Skora; ROSTY, Edson Skora. Tomada de Monte Castello: Operação dignidade. **Revista do Exército Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 151, 15 maio 2015.

SAVIAN, Elonir José. **A OPERAÇÃO ENCORE E A CONQUISTA DE MONTE CASTELLO: ANÁLISE DA RELEVÂNCIA DAS AÇÕES DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NO ÂMBITO DO XV GRUPO DE EXÉRCITOS ALIADOS**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (História) - História da Academia Militar das Agulhas Negras.

SOARES, Izaac erder silva. **UM NARRADOR DE SI E DA GUERRA: TESTEMUNHOS DE UM PRAÇA DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA**. Mariana, 2014. Monografia (História) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO.

TOPERDEADO um Navio Brasileiro. **O Globo**. Rio de Janeiro, 1943.

TORPEDEADO um Navio Brasileiro. **O Globo**. Rio de Janeiro.